

Especialistas querem saber onde houve falha

Contaminação da água pode ter ocorrido na fonte, no transporte ou na clínica

RECIFE — O maior desejo de Zeineide Travassos Vieira é que a morte de tantos inocentes e o drama de tantas famílias sirvam para abrir os olhos de todos os que tratam da saúde. “Não se brinca com a vida”, diz.

“Esse escândalo estourou aqui como poderia ter estourado em qualquer parte do País”, afirma o advogado e bancário Severino Alberto Leite, que perdeu o primo Ricardo Alexandre Borges, 21 anos, que tinha um transplante de rim programado ainda para este ano. Severino lembra que Caruaru é uma cidade com boa estrutura, de mais de 120 mil habitantes, e Pernambuco tem um competente corpo médico.

O secretário de Saúde, Jarbas Barbosa, afirmou que os especialistas pernambucanos estão em contato com centros de saúde ligados à hemodiálise no Brasil e no Exterior, em busca de ajuda para descobrir a falha que permitiu a contaminação.

Ele considera de suma importância ir fundo na pesquisa para que não se levante suspeita sobre o programa de hemodiálise no Brasil. Ele diz ser preciso detectar onde se deu

a contaminação da água. Se na fonte, no transporte, na clínica ou por alguma falha no sistema de diálise.

Barbosa lembra que a contaminação pode ter ocorrido por problema no sistema. Afirmou que, ao chegar à clínica, a água passa por um outro tratamento numa espécie de miniestação de tratamento montada pelos institutos de hemodiálise. Através de um filtro de areia, um de carvão e dois deionizadores, são retirados o cloro, as bactérias e os sais contidos na água. “Pode ter havido falha por mau uso ou má manutenção.”

É por conta desse “retratamento” da água que Bráulio Coelho descarta

a possibilidade de intoxicação pelo cloro. O que pode ter ocorrido, na sua opinião, foi uma contaminação por cloramina — uma fusão do cloro com matérias orgânicas (agrotóxicos, coliformes fecais, lama ou madeira). Segun-

do ele, o filtro não impede a passagem dessa substância.

A primeira versão para explicar a contaminação, feita pelo próprio IDR, foi de excesso de cloro. Somente depois do estrago, a direção do IDR foi descobrir que a água que recebiam no hospital em caminhões-pipa era clorada no momento do transporte. Depois disso, passaram a clorá-la na clínica. Os problemas continuaram e a direção decidiu se abastecer em fontes minerais.

HIPÓTESE DE
EXCESSO DE
CLORO FOI
DESCARTADA